

TRAJETÓRIA DAS BANDAS DE MULHERES DENTRO DO MOVIMENTO PUNK NO BRASIL

**MARIANE CANIELAS DOS SANTOS¹; SIMONE DA SILVA RIBEIRO
GOMES²**

¹*Universidade Federal de Pelotas – marianecanielas@outlook.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – simone.gomes@ufpel.edu.br*

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo explorar a trajetória das bandas de mulheres no movimento punk no Brasil, evidenciando como o machismo e a exclusão moldaram suas experiências. A pesquisa analisa a evolução da participação feminina no punk desde a década de 1970 até sua popularização nos anos 1980, destacando as condições que dificultaram sua expressão artística. Apoiado em uma revisão da literatura sobre gênero, feminismo e a cena punk, o estudo visa oferecer uma visão crítica das barreiras enfrentadas por mulheres no movimento, promovendo um debate sobre inclusão e igualdade na cultura punk, com base em Eduardo Ribeiro (2017), Fernanda Gomes Rodrigues (2006), Hellen Reddington (2003), Letícia Nogueira Sousa (2021), Paula Guerra; Tânia Moreira (2017), Pierre Bourdieu (2007).

2. METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho é qualitativa, baseada em uma revisão bibliográfica sistemática acrescidos por indicações de especialistas. Foram realizadas buscas no Google Acadêmico, inicialmente resultando em 3.530 trabalhos, dos quais 25 foram selecionados para análise. A análise de conteúdo organizou informações sobre a exclusão das mulheres na cena punk, o impacto do movimento Riot Grrrl no Brasil e trajetórias de bandas femininas, como Dominatrix e Menstruação Anárquika. Entrevistas com integrantes de bandas também foram analisadas, complementando a pesquisa com perspectivas pessoais.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa sobre a trajetória das bandas de mulheres dentro do movimento punk no Brasil aborda uma história de resistência, contestação e construção de espaços autônomos em meio a um cenário hostil com a presença feminina. A partir da análise da literatura especializada e de entrevistas dos autores com algumas dessas bandas, foi possível identificar os principais desafios enfrentados por essas mulheres e como elas utilizaram a música como forma de protesto e empoderamento.

Desde o início do movimento punk no Brasil, as mulheres enfrentaram exclusões e desigualdades, apesar de atraídas pela promessa de igualdade de gênero. O machismo permeava a cena, marginalizando suas contribuições e impedindo a expressão artística e política das mulheres, que frequentemente sofriam violência física e psicológica. Autores como Reddington (2003) e Guerra (2015) destacam que a hegemonia masculina era uma barreira cultural que dificultava a inclusão e liderança feminina no punk.

No entanto, a introdução do movimento Riot Grrrl no Brasil na década de 1990, com a influência de bandas como a **Bikini Kill** e o surgimento de bandas nacionais como **Dominatrix**, trouxe uma nova perspectiva para a cena punk feminina. A Riot Grrrl uniu feminismo e punk, com a intenção de promover um espaço onde as mulheres não apenas participavam, mas lideravam e ditavam as regras. Esse movimento incentivou a criação de bandas formadas exclusivamente por mulheres e a produção de fanzines e eventos que fortaleciam a rede de apoio mútuo e a resistência coletiva.

As bandas femininas brasileiras, como Menstruação Anárquika, Endometriose, Kaos Klitoriano e Dominatrix, trouxeram à tona temas profundamente ligados à luta feminista, como o combate à violência de gênero, a crítica ao patriarcado e a busca por liberdade sexual das mulheres. As letras dessas bandas eram carregadas com suas narrativas pessoais e políticas, misturando arte e ativismo de forma profunda. Esse processo de criação não apenas proporcionou

dar voz para essas mulheres dentro de uma cena primordialmente dominada por homens, como também inspirou outras jovens a entrarem na cena musical.

A trajetória das bandas femininas no punk pode ser analisada pela teoria de Pierre Bourdieu, que relaciona a evolução de um grupo ao seu capital social e cultural. Sob a perspectiva dessas mulheres no punk, mostrou que a trajetória delas é marcada por desafios constantes para provar seu valor em um ambiente que as invalidava, criando formas de resistência por meio de shows, álbuns e fanzines. Assim, redefiniram sua presença no punk, usando a música como uma arma política contra o patriarcado.

É de suma importância destacar que o punk feminino brasileiro, em especial o movimento Riot Grrrl, diferenciou-se de outras subculturas por sua capacidade de juntar a arte e política de forma acessível. A música se tornou um meio de empoderamento, onde as mulheres podiam expressar sua raiva, frustrações e suas reivindicações por mudanças sociais. Ao ocupar espaços tradicionalmente dominados por homens, essas bandas desafiaram não apenas as dinâmicas internas do punk, mas também as normas sociais que restringiam o papel da mulher na sociedade.

Apesar dessas conquistas das mulheres dentro do movimento punk, o cenário ainda apresenta desafios. O machismo e a desigualdade de gênero continuam presentes na cena punk, e as bandas femininas ainda lutam para serem reconhecidas igualmente ao lado das bandas predominadas por homens. No entanto, festivais como o **Lady Fest** e **Girls Rock Camp** buscam deixar que a chama da resistência feminina no punk continue viva, para que possam inspirar futuras gerações de meninas a utilizarem a música como meio de expressão, política e transformação social.

4. CONCLUSÕES

A pesquisa buscou proporcionar explorar o papel fundamental das bandas de mulheres em criar meios para que outras mulheres queiram também criar suas próprias bandas e frequentar o espaço do *punk/hardcore*. Ao analisar as contribuições que grupos como *Bikini Kill* e a banda brasileira *Dominatrix* - também conhecida como *Bikini Kill* no Brasil, identificamos como essas bandas desafiaram e contestaram as normas de gênero e o machismo dentro da cena

hardcore, com isso abriram caminho e influenciaram outras meninas a estarem neste espaço mostrando sua voz, as Riot Grrrls através de suas letras provocativas somadas às suas posturas desafiadoras, serviram como uma forma de empoderamento e inspiração para as próximas gerações de musicistas e fãs.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURDIEU, P. A distinção: Crítica social do julgamento. São Paulo, 2007. Edusp.
Porto Alegre. Editora Zouk. Disponível em:
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3005698/mod_resource/content/0/Pierre_Bourdieu%20-%20A%20Distin%C3%A7%C3%A3o.pdf
- RODRIGUES, F.G. O grito das garotas. 2006. 76 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia)-Universidade de Brasília, Brasília, 2006. Disponível em:
<https://repositorio.unb.br/handle/10482/2483?locale=em>
- RIBEIRO, E. Uma História Oral do Dominatrix. VICE, 2017. Disponível em: https://www.vice.com/pt_br/article/vbb7ey/dominatrix-historia-oral
- GUERRA, P.; MOREIRA, T. Collants, Correntes e Batons: Gênero e diferença na cultura punk em Portugal e no Brasil. 2017. Lectora, 23. Disponível em:
<https://doi.org/10.1344/Lectora2017.23.2>
- SOUZA, L.N. A Cena das Minas: dinâmicas de gênero nas cenas musicais do Punk e do Hardcore em São Paulo. *Humanidades Em diálogo*, 10, 177-193. 14 de abril de 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-7547.hd.2021.159337>
- REDDINGTON, H. “Lady’ Punks in Bands: A Subculturette?”, *The Post-Subcultures Reader*, David Muggleton e Rupert Weinzierl (eds.), Oxford, 2003. Berg: 239-251.